

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

8 A 25 JAN

KOLTÈS

BERNARD-MARIE KOLTÈS

NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO

**MARIA
JOÃO LUÍS**

**RITA
BLANCO**

**MARCELLO
URGEGHE**

**QUINTA A SÁBADO ÀS 21H00;
DOMINGO ÀS 17H30**
SALA PRINCIPAL; M/12
DURAÇÃO: 1H15

TEATRO DA TERRA

**SESSÃO EM LÍNGUA
GESTUAL PORTUGUESA (LGP)**

DOMINGO, 18 JAN
17H30

**CONVERSA COM
A EQUIPA ARTÍSTICA**

DOMINGO, 25 JAN
APÓS O ESPECTÁCULO

Texto

Bernard-Marie Koltès

Tradução

Marcello Urgeghe

Rita Blanco

Co-encenação

Marcello Urgeghe

Maria João Luís

Rita Blanco

Interpretação

Maria João Luís

Rita Blanco

Música

José Peixoto

Desenho de luz

Pedro Domingos

Co-produção

Teatro da Terra

São Luiz Teatro Municipal

Agradecimentos

CCB

Fernando Ribeiro

O Teatro da Terra é uma estrutura apoiada pelo Governo de Portugal/Secretário de Estado da Cultura-DGArtes e pelo Município de Ponte de Sor.



“... Dois homens abordam-se sem se conhecerem: diga-me o que quer que eu vendo-lho, diz o primeiro e o outro responde: diga-me o que tem que eu digo-lhe o que quero.”

Patrice Chéreau



O contacto de duas pessoas sem passado comum, sem linguagens familiares sem cumplicidade histórica, acontece em território neutro, numa noite fria deserta de sinais, numa qualquer rua sem memória, silenciosa.

Voltar a Koltès significa decifrar uma obra imprescindível para a compreensão da dramaturgia do final do século XX, representativa da condição humana em diálogo com os nossos tempos. Um universo com raízes na rua, nos marginais, nos discriminados, nos injustiçados, *Na Solidão Dos Campos De Algodão*, obra ilustrativa deste torrencial autor, apresenta-nos uma atitude insubmissa face à hierarquia social do bicefalismo estrutural de dois extremos: o vendedor e o comprador.

Como dois animais que se cruzam no mesmo território, uma hostilidade violenta submerge estes dois seres humanos, igualmente confusos, cara a cara, dois estrangeiros, degladiam-se ali, num tempo e espaço argumentativo de ou diálogo ou morte; um combate dialético dominado pelo medo, que apesar da densidade verbal, assinala um conflito que ultrapassa em muito as palavras. Sem alternativas à ausência de desejo surge a inevitável guerra e lutam.

Maria João Luís, Rita Blanco e Marcello Urgeghe criam uma despojada dramaturgia cénica, estratégia estética de uma geração que abdica de grandes cenografias ou dispositivos que diminuem a força da palavra deste texto fundamental. Um cenário minimalista e a música de José Peixoto completam esta seca abordagem e focam o espectáculo no trabalho de actor, centrando-o entre o ritmo, a corporalidade e a entoação verbal.

A austeridade poética proposta na peça, jogada com poucos elementos, resulta na máxima rentabilidade, onde tudo significa e nada provoca indiferença.

BIOGRAFIAS

MARIA JOÃO LUÍS

Iniciou a sua actividade como actriz em 1985 no grupo de Teatro A BARRACA (*Um Dia na Capital do Império; Um Homem é um Homem; Fernão Mentos?; O Diabinho da Mão Furada e O Baile* sempre com encenação de Helder Costa). Trabalhou depois no Teatro da Casa da Comédia, ACARTE, Teatro da Malaposta, Comuna - Teatro de Pesquisa e Teatro Nacional D.Maria II e com os encenadores Filipe La Féria, Rui Mendes, José Peixoto, Stephen Jurgens, João Mota, Cristina Carvalho e Ana Luísa Guimarães. No Teatro da Cornucópia participou em *A Comédia de Rubena* de Gil Vicente (encenação Luis Miguel Cintra), *Antes Que a Noite Venha* de Eduarda Dionísio (encenação Adriano Luz), *Tito Andrónico* de Shakespeare e *Um Homem é um Homem* de Bertolt Brecht (encenação Luis Miguel Cintra). Nos Artistas Unidos interpretou *Hedda* e o monólogo *Stabat Mater* de António Tarantino com encenação de Jorge Silva Melo, peça considerada pela crítica portuguesa como uma das melhores peças de teatro de 2006, valendo à actriz o Prémio da Crítica 2006 concedido pela Associação dos Críticos de Teatro e a nomeação para um Globo de Ouro. Interpretou várias peças na televisão com direcção de Ferrão Katzenstein, Artur Ramos, Cecília Neto e Luís Filipe Costa. Recebeu, em 2003, o Prémio de Melhor Actriz no Festival de Curtas-Metragens de Badajoz, com o filme *Crónica Feminina* de Gonçalo C. Luz (2002). Presença regular em telefilmes, séries e novelas. Participou, no cinema, em filmes de Sérgio Godinho, Fernando Matos Silva, Teresa Villaverde, Beatrice Chantal, João Botelho, Elsa Bruxelles, Jorge Marecos, Paulo Rebelo, Jorge Cramez, José Nascimento, Jorge Silva Melo e Luís Filipe Rocha. É co-fundadora do Teatro da Terra onde assume a Direcção Artística e encena: *A Casa de Bernarda Alba* de Federico Garcia Lorca; *Cal* de José Luis Peixoto; *A Maluquinha de Arroios* de André Brun; *A Lua de Maria Sem* de João Monge; *O Marido*

Vai à Caça de Georges Feydeau; *O Ciclista* de Karl Valentin; *Chão de Água* de João Monge; *Reveillon* de vários autores; *Ninguém Se Ouve, Ninguém Se Vê*, a partir de *A Gaivota* de Anton Tchekhov; *Amarrada À Tua Mão* de José Fialho Gouveia, *Duas Pessoas* de Herberto Helder; *A Abetarda* de João Monge.

RITA BLANCO

Estreia-se como actriz na peça *Mariana Espera Casamento*, de Jean-Paul Wenzel, sob a direcção de Luis Miguel Cintra, em 1983. Conclui o Curso de Formação de Actores do Conservatório Nacional, em 1985. Ainda no Teatro da Cornucópia representou *Perversões* de David Mamet, dirigida por Miguel Guilherme e José Pedro Gomes; *Antes que a Noite Venha* de Eduarda Dionísio, com Adriano Luz; *Sangue no Pescoço do Gato* de Fassbinder, com Luis Miguel Cintra. Em 1989 participou em *Como é Diferente o Amor em Portugal*, adaptação da obra de Júlio Dantas, dirigida por Fernando Gomes. *Nunca Nada de Ninguém* de Luísa Costa Gomes, encenado por Ana Tamen valeu-lhe a nomeação para o Prémio Garrett para a Melhor Interpretação Feminina (1991). Em 1997 participou em *Peter Pan* de James Barrie, encenado por António Pires no São Luiz. No cinema foi dirigida por João Botelho (*Três Palmeiras; Tráfico; A Mulher Que Acreditava Ser a Presidente dos EUA; O Fatalista*), João Mário Grilo (*Longe da Vista; A Falha; 451 Forte*), José Nascimento (*Tarde Demais*), Teresa Villaverde (*Os Mutantes*), Manoel de Oliveira (*Inquietude*), João César Monteiro (*O Último Mergulho*) ou Jorge Silva Melo (*Agosto; Ninguém Duas Vezes*). Na televisão, apareceu em *A Mala de Cartão* (1988) série que contava com a participação de Irene Papas. Trabalhou junto do humorista Herman José, em *Casino Royal, Crime na Pensão Estrelinha e Serafim Saudade - O Regresso do Herói*. Participou ainda em *Sai da Minha Vida, Médico de Família, A Minha Sogra é uma Bruxa*, na telenovela *Tempo de Viver* de Rui Vilhena (a sua estreia na TVI e em telenovelas) *Conta-me Como Foi*. Apresentou

com Henrique Mendes o concurso *Caça ao Tesouro*. Em 2011, após dois anos de ausência, regressa à televisão trabalhando nos três canais portugueses generalistas: primeiro na sitcom da SIC *A Família Mata*, depois no telefilme da TVI *O Profeta* e por fim na 2ª temporada da Série da RTP *Maternidade*. Salienta a sua colaboração com o encenador e cineasta João Canijo. Com ele trabalhou no teatro (*Crimes do Coração* de Beth Henley; *Jogos de Praia* de Whitehead; *Confissões ao Luar* de Eugene O'Neill; *Sete Vidas* de Rosa Lobato de Faria); no cinema (*Três Menos Eu* (Festival Les Stars De Demain); *Filha da Mãe*; *Ganhar a Vida*; *Noite Escura*) e na televisão (*Alentejo Sem Lei*; *Sai da Minha Vida*). Premiada em 2002 e 2012 com o Globo de Ouro na categoria de Melhor Actriz de Cinema, com *Ganhar a Vida* e *Sangue do Meu Sangue* de João Canijo. Foi homenageada no Festival de Santa Maria da Feira em 2004. Em 2012, foi considerada a melhor atriz de cinema na Gala SPAUTORES, devido à sua interpretação no filme de João Canijo *Sangue do Meu Sangue*.

MARCELLO URGEGHE

Em 1997 estreia-se como actor no Teatro na peça *Marie & Bruce*, de Wallace Shawn, encenação de Paula Sá Nogueira e Nuno Carinhas e a partir daí integrou o elenco de várias peças encenadas por Nuno Carinhas e Cão Solteiro, Miguel Loureiro, Rogério de Carvalho, António Pires e Hugo Mestre Amaro. No Cinema trabalhou com os realizadores João Botelho, Fanny Ardant, Valeria Sarmiento, Bruno de Almeida, Zézé Gamboa, Catarina Ruivo, Teresa Villaverde, João Canijo, Raul Ruiz, Vicente Alves do Ó, João Mário Grilo, Leonel Vieira, Margarida Cardoso, Maria de Medeiros, José Abreu, Alberto Seixas Santos, José Álvaro Morais, Luís Galvão Teles, Hervé Palud (França), Ana Luísa Guimarães, Ken McMullen, José Nascimento, Joaquim Pinto, Solveig Nordlund. Participou ainda em diversas curtas-metragens, telefilmes e séries de televisão.

BERNARD-MARIE KOLTÈS

Bernard-Marie Koltès nasce na cidade francesa de Metz em 1948 e é criado num colégio jesuíta. Estuda piano e jornalismo tendo até pensado em ser actor. É com a peça *Les Amertumes* (1970) que consegue a atenção do então director do Teatro Nacional de Estrasburgo que o convida para integrar a escola – o Centre Dramatique de l'Est. Logo após, Koltès funda a sua própria companhia de teatro a que chamou Le Théâtre du Quai e para a qual escreveu e encenou textos como *La Marche – Le Procès Ivre* (1971) e *Récits Morts* (1973). Os seus textos passam pela rádio com *L'Héritage* (1972) e *Des Voix Sourdes* (1973); é numa viagem à Rússia que escreve o romance *La Fuite à Cheval Très Loin Dans la Ville*, seguido de *Le Jour Des Meurtres Dans l'Histoire d'Hamlet*. A Europa volta a ouvir falar de Koltès já em 1976, ano em que escreve e encena *Nuit Juste Avant les Forêts*. Só em 1983 dá início ao conhecido trabalho de parceria com Patrice Chéreau, como seu encenador, do qual resultará *Combat de Nègres et de Chiens*, depois *Quai Ouest* (1985) e *Le Retour au Désert* (1988). *Na Solidão dos Campos de Algodão (Dans la Solitude des Champs de Coton)* foi estreada em Janeiro de 1987 no Théâtre des Amandiers, em Nanterre, França, com encenação de Chéreau e interpretação de Isaach de Bankolé e Laurent Malet (Chéreau seria ele próprio intérprete numa segunda e numa terceira versões). Nota curiosa, nesta apresentação no Teatro São Luiz é a primeira vez que a peça é interpretada por duas mulheres. A sua última peça é Roberto Zucco, baseada em factos reais foi escrita em 1988 e estreada em França já em 1991 com encenação de Bruno Bøeglin, seguindo-se apresentações em muitos outros países. Bernard-Marie Koltès, um dos escritores franceses mais apresentados em todo o mundo e cujos textos estão hoje traduzidos em cerca de trinta línguas, morre em 1989, depois de uma longa viagem de vários meses a diversas partes do mundo, passando também pela cidade de Lisboa.

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Direção Executiva

Programação Temporada 2014-2015

Aida Tavares

Programação Mais Novos

Susana Duarte

Adjunta Direção Executiva

Margarida Pacheco

Secretariado de Direção

Olga Santos

Direção de Produção

Tiza Gonçalves (Directora)

Susana Duarte (Adjunta)

Mafalda Sebastião

Margarida Sousa Dias

Direção Técnica

Hernâni Saúde (Director)

João Nunes (Adjunto)

Iluminação

Carlos Tiago

Ricardo Campos

Ricardo Joaquim

Sérgio Joaquim

Maquinistas

António Palma

Cláudio Ramos

Paulo Mira

Vasco Ferreira

Som

Nuno Saias

Ricardo Fernandes

Rui Lopes

Encarregado Geral

Manuel Castiço

Secretariado Técnico

Sónia Rosa

Direção de Cena

José Calixto

Maria Távora

Marta Pedroso

Ana Cristina Lucas (Assistente)

Direção de Comunicação

Ana Pereira (Directora)

Elsa Barão

Nuno Santos

Design Gráfico

Silva Designers

Bilheteira

Cidalina Ramos

Hugo Henriques

Soraia Amarelinho

Frente de Casa

Letras e Partituras

Assistentes de Sala

Ana Rita Carvalho

Carla Pignatelli (Coordenação)

Carlota Macedo

Carolina Serrão

Cristiano Varela (Coordenação)

Domingos Teixeira

Filipa Matta

Helena Malaquias

Hernâni Baptista

Inês Garcia

Joana Braz

João Cunha

Manuel Veloso

Paulo Soares

Sara Fernandes

Carlos Ramos (Assistente)

Segurança

Securitas

Limpeza

Astrolimpa